

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

CONTINUA O PRESTIGIO



NO PORTO.—O tifo exantemático, a sete pés:

—E' safar, que ele aí vem!



PALESTRA AMENA

Ocupações «não-uteis»

Males que veem por bem

Está J. Neutral convencido de que não lhes dá novidade nenhuma dizendo-lhes que a vida está mais cara; é uma observação que o amigo Banana, se fosse vivo, faria com a mesma facilidade com que ele a faz, assim como qualquer outra pessoa.

—E' uma espiga! exclama toda a gente, dando á expressão muito maior veemencia do que dava antes da guerra, porque uma espiga atualmente custa tres ou quatro vezes o que então custava.

E' uma espiga, sim, quando se trata de artigos necessarios á vida ou pelo habito já tão procurados e empregados que se tornaram em necessidade. O pão, o vestuario e a habitação caros são realmente um espigamento de alto lá com ele. Mas se o genero for dispensavel?

—Se for dispensavel, dispensa-se.

Pois dispensa, sim senhores; e o dinheiro que com a sua aquisição se gastava pode então ser aproveitado em utilidades, de modo que aí está um mal aparente que afinal se converteu em bem real.

Um exemplo. O sinatario d'estas lucidissimas pasletras era fumador e tinha uma marca de cigarros predileta, ou antes, unica, pois não podia suprar outra qualquer. Fumava sómente cigarros *Mimosos*; conheceram, com certeza: dez cigarrinhos n'um maço de tres vintens, delgados, comprimidos, custando a chupar como o diabo, produzindo liros de saliva, puxando do peito, entisicando o fumador.

Pois esses cigarros, como todos os de capa de tabaco de fabricação nacional, desapareceram do mercado. Primeiro, J. Neutral reconheceu o desaparecimento dos *Mimosos* no estabelecimento onde costumava compra-los, aos Paulistas; procurou nas tabacarias dos arredores e uma semana depois não havia mais *Mimosos* no seu bairro; alargou a area das suas explorações e passado um mez Lisboa estava esgotada; de aí, bateu os arredores—de Al-gés a Cascaes, de Bemfica á Amadora, de Cacilhas á Cova da Piedade, de Xabregas a Braço de Prata e passado outro mez não existia uma ponta de *Mimosa* nos saloios.

Sobrevieram ataques de desespero; todos estranhavam o poeta J. Neutral, d'antes tão afavel, todo lhaneza e bondade, acolhendo com o mesmo sorriso apatetado os bons e os maus amigos; agora rabugento, intratavel, brutal. Quando se inquiria o motivo da transformação, o homem berrava:

—Tem você aí um cigarro *Mimosa*, tem?

—Não tenho; já não ha cigarros de capa de tabaco.

—Vá para os infernos.

Esteve a dois passos do suicidio por enforcamento, mas este evitou-se felizmente, já porque as cordas estão tambem carissimas, já porque J. Neu-

tral notou: que umas teimosas dores de estomago de que sofria haviam desaparecido; que tinha appetite ás comidas, o que antigamente não lhe acontecia; que, depois de feitas as contas do dia, lhe sobravam sempre seis centavos, correspondentes a dois maços diarios de cigarros, que antes comprava; que as raparigas já não retiravam a cara quando ele as beijava, como costumavam fazer, sob pretexto de repugnancia pelo fumo do cigarro...

E notando tudo isto declarou-se satisfeito, de onde se conclui a verdade que serviu de tema a esta palestra, *quod erat demonstrandum*.

J. Neutral.

Obrigaciones do consumidor

Agora, sim. Até ha pouco para o vendedor eram todas as atribulações, como a de vender caro e mau e todos os prazeres eram para o consumidor, como o de aguentar e cara alegre. Felizmente, porém, providenciou-se equilibrando direitos e deveres de ambas as partes e é assim que, por exemplo, o consumidor que não obrigar o padeiro a pesar o pão que lhe vende, paga multa com lingua de palmo.

Assim, descobre-se que o padeiro rouba no peso. A sopeira apita, a policia vem—ó milagre—e ela explica.

—Mas você não o obrigou a pesar?

—Obriguei, mas deu-me um pão d'este tamanho, logo os pesos ou a balança estão falsificados.

—Ah! estão? pois vai você para o estariam, sua idiota, por não obrigar o padeiro a trazer balanças e pesos certos.

Tornando responsavel o consumidor



pela quantidade, é muito natural que não tarde alguma lei que o torne responsavel pela qualidade.

Um policia segue uma senhora que traz um embrulho. Interroga-a de subito:

—Que leva a senhora aí?

—Dois metros de flan la de lá, que comprei no Silva & Genros.

—Deixe ver.

A senhora mostra... O policia, finorrio:

—Isto não é lã, é algodão.

A dama, assombrada:

—Aí o maroto do Silva que me enganou! Vou já lá trocar...

—A senhora vai mas é á esquadra pagar uma multasinha por ter consentido que o lojista lhe vendesse algodão por lã...

Nos estados Unidos da America do Norte acaba de ser determinado que todas as pessoas que exerçam funções não-uteis as substituam por outras, uteis, ou sentem praça e vão para a guerra.

De modo que nada mais facil hoje em dia do que pôr Portugal a direito; é se tirar os exemplos lá de fóra e nada mais; os americanos teem tão boas idéas que nem é necessario que nos demos ao trabalho de pensar.



O que é preciso, apenas, é apropriar ao nosso paiz as medidas americanas e não nos limitarmos a copia-las, porque o ambiente é outro; é fazermos o que fazem os tradutores de peças de teatro—adaptação inteligente. Assim, é claro que o que na America se considera *util* pode muito bem ser *inutil* entre nós, e vice-versa.

De onde, tomarmos a liberdade de publicar a seguinte lista de ocupações que se nos afiguram não-uteis em Portugal, devendo os que as exercem tratar de outro officio:

- 1.^a—A de poeta.
- 2.^a—A de critico artistico.
- 3.^a—A de politico.
- 4.^a—A de namorador.
- 5.^a—A de maçador.
- 6.^a—A de bacharel formado.
- 7.^a—A de caixeiro de loja de modas.
- 8.^a—A de cartomante.
- 9.^a—A de filarmónico.
- 10.^a—A de policia.
- 11.^a—A de chefe de gabinete de ministro.
- 12.^a—A de professor de arte de representar.

...E por aqui nos ficamos, porque não chegaria todo o espaço do *Seculo Comico* para a lista completa.

Louvavel

Informam os jornaes serios que os deputados recentemente eleitos pensam em promover uma reunião dos seus colegas e senadores a fim de saber do governo quando abrirá o parlamento.

...Para irem estudando gramatica.



Santo Antonio em Lisboa

Avisinhando-se o dia consagrado a Santo Antonio, para conhecer dos festejos que se lhe preparam, quicá desconfiado de que o seu culto vai afrouxando, Santo Antonio pediu licença aos seus superiores e chegou hontem a Lisboa, vindo a pé por ai abaixo.

Pouco tempo gastou em verificar as suas desconfianças. Algumas duzias de garotos pediam, efétivamente, para a cêra de Santo Antonio, mas este facilmente percebeu que os poucos centavos assim adquiridos eram gastos em bolos.

—Nada: não tenho remedio senão repetir os milagres que me acreditaram, disse ele com os botões do habito.

Encaminhou-se para um chafariz onde estavam umas raparigas e dirigindo-lhes gracejos partiu a bilha a uma d'elas. Gritaria, protestos e a dona intimoando:

—Ha-de pagar-m'a. Custou-me um escudo.

—E' carissimo, disse o santo. Mas vou ali comprar cola-tudo e pego os caco-. Fica mais barato.

Voltou desoladissimo. Uma bisnaga de cola-tudo custou-lhe pouco menos do que a bilha. Zangado, pensou:

—O primeiro milagre foi caro. Vou prégar aos peixes; esse, ao menos, fica de graça.

E meteu-se n'um carro para o Aterro. Veiu o condutor e o santo puxou por um centavo:

—Um bilhete para Santos, disse.

—Este carro é direto para o Dafundo. Não viu a tableta? O que você quiz foi vir de borla até aqui...

Para mostrar que não quiz tal ir de borla, o santo pagou o bilhete como se fosse para o Dafundo, apeou-se e esperou um carro de Santo Amaro. No elétrico, de novo puxou pelo centavo.

—Vou para Santos. Um bilhete?

—Por um centavo? Você está doido, ó santinho. Já não ha carros do povo...



Emfim, esportulou o que lhe pediram e apeou-se junto ao mercado do peixe, onde esperava um numero auditorio mas onde não viu nem um misero carapau de gato.

—O peixe? perguntou ele a uma varina.

—Quê? quer comprar, seu ventas de patrulha? Não o acho com cara para isso. Cadá pescada custa quarenta escudos. Já não ha.

EM FOCO



Frank Craig

Não sei como se lê nem é preciso
O nome que acompanha este retrato
Pois que falo um inglez tão caricato
Que ao «boy» mais pequerrucho causa riso.

Mas seja como for eu vos aviso,
Juro pelo meu grau de literato,
Que é um grande pintor, sentido, exacto,
Que nos prende e conquista de improviso.

É, na verdade, mais vos conto e digo,
Por que se espalhe e saiba em toda a terra,
Que sendo os quadros do citado amigo,

(Gal perfeição o seu desenho encerra)
Fiquei satisfeittissimo comigo
Por ser um aliado da Inglaterra!

BELMIRO.

—Mas... e peixe miúdo? petinga sardinha...

—Vai todo para as fabricas de conservas.

O santo arrepolou-se desconsolado.

—Mas então a quem hei-de eu prégar? gemeu.

—Prégue ao raio que o partal bra-dou-lhe a peixeira, julgando que tratava com um maluco.

Desanimadissimo por não poder fazer o segundo milagre, lembrou-se de ir salvar o pai da forca e foi d'ali ao governo civil, onde perguntou se faltava muito tempo para o pai ser executado, explicando que era preso politico.

—Ah! disse-lhe o guarda de serviço. Seu pae, já não vai para a forca: foi amnistiado.

—Então não é preciso milagre?

—Qual! Temos cá quem os faça todos os dias.

O coração do santo caiu-lhe aos pés. Completamente aniquilado com este ultimo golpe, voltou para o céu, a pé como tinha vindo, por causa do aumento do preço dos bilhetes do carro.

Um patife

N'um dos ultimos numeros do «Seculo Comico» publicámos na secção Torre de chifre uns versos assinados pelo sr. Augusto Borges Correia de Sampaio (Funchal), os quaes, sabemos agora, não foram feitos por tal cavalheiro mas por um qualquer malandrim com pretensões a espirituoso, que se serviu d'umas artimanhas de garoto para tentar lançar o ridiculo sobre um nome respeitabilissimo. Não conseguiu, afinal, o patife anonimo senão a efemera satisfação da sua alma covarde, pois que foi dentro em pouco desmascarado, e de modo algum fez acreditar a quem conhece o sr. Correia de Sampaio que este fosse o autor de tal babuseira.

Infelizmente os jornaes estão sujeitos a estes factos lamentaveis, como qualquer casa, mesmo bem guardada, a ser assaltada pela gafunagem.

Até a' agua!

Dos velhos quatro elementos que constituem o mundo, só o ar—este porquissimo ar que respiramos em Lisboa—é que não custa os olhos da cara; a terra, o fogo e agora a agua estão pela hora da morte. Quando uma pessoa pensa que já não falta coisa alguma a subir de preço, zás: mais cem por cento!

E' verdade que, segundo diz o bonacheiro do Marques das anedotas, a agua não é genero de primeira necessidade...

O bem conhecido *Manoel Borracho da Pinga, ao ler o aviso da subida do



preço da agua, riu-se como um perdido nas proprias bochehas do contador.

Depois, fitou-o com desprezo, exclamando:

—Bem faço eu que não bebo senão vinho!

—Mas porque *agora a agua mais cara? perguntaram-nos varios feitores.

Um empregado da companhia fez o favor de nos explicar o caso, que não se baseia, como pareceria á primeira vista, no aumento do preço do hidrogenio ou do oxigenio.

—E' por via dos transportes?, disse ele.

—Transportes? ! interrumamos admirados. Mas ela não é canalizada?

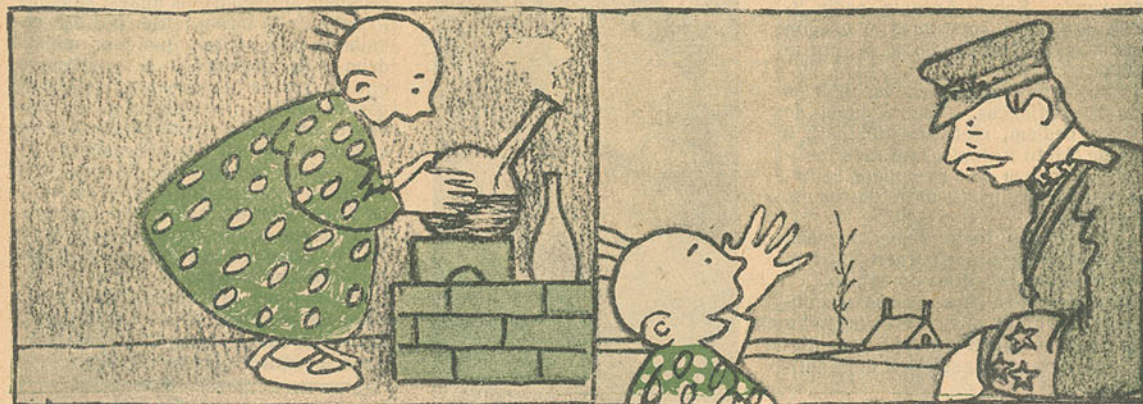
—E' em Lisboa, mas desce a nascente até á Capital o Alvieira tem de seguir por caminhos quasi imtransitaveis. De aí as dificuldades da viagem que tem de se meter em linha de conta...

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

23.^a Parte1.^o Episodio

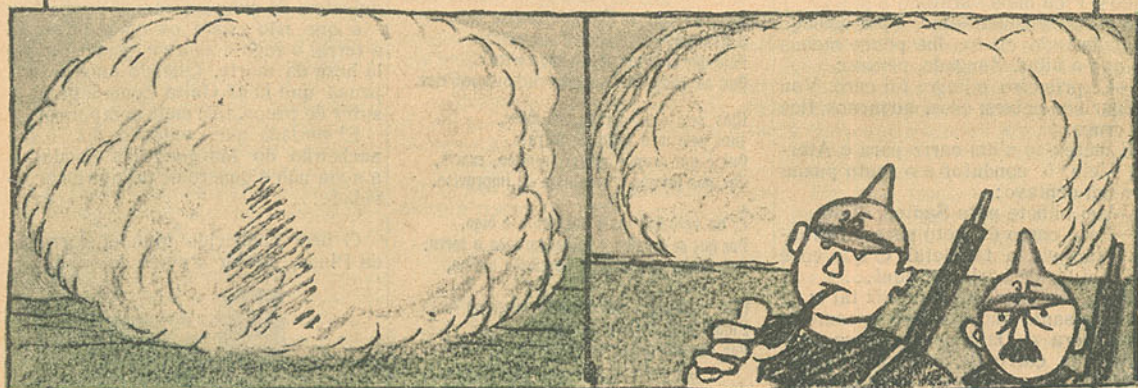
MANECAS, INVISIVEL

(Continuação)



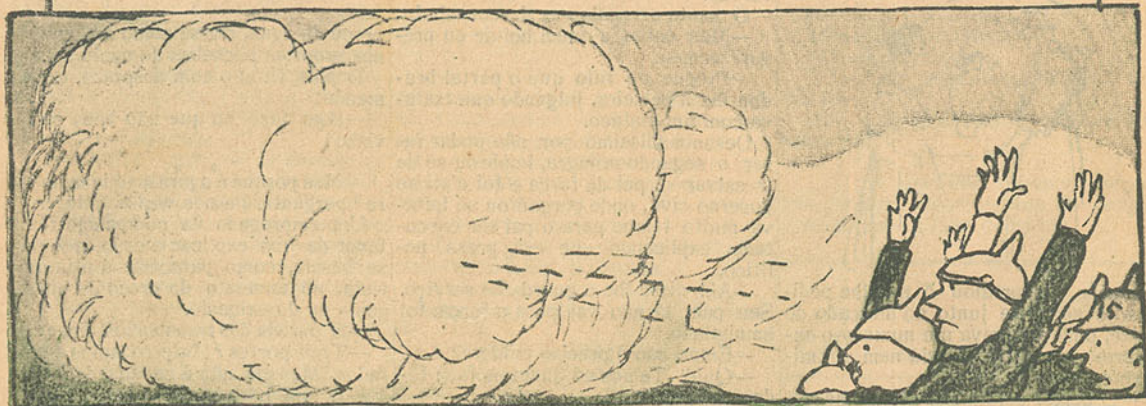
1.—Manecas, no seu laboratorlo, descobre o neveiro artificial, por meio da transformação das castanhas piladas em vapor de agua.

2.—Corre a oferecer o novo invento ao comandante dos portuguezes, que o aceita com entusiasmo.



3.—Manecas, invisivelmente occulto no neveiro castanho-pilifero, encaminha-se para as trincheiras inimigas.

4.—No emtanto, os boches fumam despreocupadamente, julgando, na sua reconhecida estupidez, que o neveiro é naturalissimo.



5.—De subito irrompe o fogo e os boches, assombrados pelo milagre, entregam-se como borregos que são—não pela mansidão, mas pelas marradas.

(Continua).